

RESENHAS

OPÇÃO: TRABALHO

— trajetórias ocupacionais de trabalhadores das classes subalternas

Celso João Ferretti

São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1988

O desafio de formular um projeto educacional comprometido com a imensa maioria da população tem sido enfrentado por muitos educadores nos últimos anos, abordando os diversos aspectos da educação e criando um acúmulo de conhecimentos que venha a permitir uma síntese.

Uma das dificuldades com que se defrontam os que se colocam nesta posição é a definição do sentido geral da educação escolar e, em particular, do ensino de 1.º e 2.º graus. A História da Educação Brasileira nos mostra que a opção entre a vinculação mecânica da escola ao mercado de trabalho e a educação geral tem se mostrado como uma contradição irredutível. Da superação desta contradição depende, em muito, a possibilidade de elaboração de um projeto educacional que possibilite o rompimento da "separação entre o mundo do trabalho e o mundo da escola", ou seja, um projeto que integre a educação escolar a uma perspectiva de transformação social.

Assim, em todas as áreas do pensamento educacional, a crítica ao reducionismo psicologista e à Teoria do Capital Humano merecem atenção especial, pois estes dois enfoques dão sustentação à concepção educacional que predominou nos últimos anos no Brasil, particularmente durante o período da Ditadura Militar, e que se mantém como hegemônica, ao menos no nível da política governamental.

A elaboração na área da Orientação Profissional sofreu influência marcante tanto do psicologismo quanto da Teoria do Capital Humano. O presente trabalho de Celso Ferretti, originalmente apresentado como tese de doutorado junto à PUC de São Paulo, reorganizado aqui em três capítulos, vem aprofundar a crítica que o autor tem feito a essas tendências no pensamento sobre a Orientação Profissional.

No primeiro capítulo o autor constata que a Orientação Profissional, da forma como está fundamentada, só tem sentido para aquela parcela da po-

pulação que tem condições de "fazer suas opções profissionais" independentemente de condicionantes econômico-sociais, ou seja, para aqueles poucos que conseguem chegar ao ensino superior, ou ao menos, ao ensino médio.

No segundo capítulo, ao colocar o problema de como as camadas populares se inserem na população economicamente ativa (PEA), o autor vai a campo e reconstitui a trajetória profissional de um pequeno grupo de trabalhadores que, por ocasião de seu levantamento empírico, se situavam em diferentes ocupações.

Esse livro levanta inúmeras questões para futuras pesquisas na área, o que é esboçado no terceiro capítulo. Além disso, a mesma pesquisa é uma contribuição à discussão da relação educação-trabalho que abrange reflexões mais amplas que a da Orientação Profissional.

Por tudo isso, trata-se de uma contribuição valiosa aos que se dedicam à reflexão sobre a escola.

Romualdo Portela de Oliveira

ENSINO DE 2.º GRAU: educação geral ou profissionalização?

Nelson Piletti

São Paulo, EPU/Edusp, 1988

Uma contribuição deste trabalho está no relato claro e sucinto da história factual do ensino médio no Brasil, destacando os antecedentes da implementação da reforma de 1971.

Os documentos e pareceres que inspiraram o projeto da Lei 5692/71, detalhes de sua tramitação no Congresso, a reação da imprensa e a legislação regulamentadora posterior são cuidadosamente levantados. Dados sobre o funcionamento do ensino de 2.º grau durante a vigência da profissionalização compulsória também são explicitados e discutidos os expedientes encontrados para burlar a lei.

Ao comentar o fracasso da reforma de 1971, o autor lembra que a democratização da escola e da